



A FORÇA DO FEITIÇO: TRADIÇÃO ORAL, AFRO-MEMÓRIAS E HISTORIOGRAFIA

José Bento Rosa da Silva¹

Resumo: a temática do artigo são as representações acerca do feitiço pesquisadas por meio de fontes manuscritas, depoimentos orais (entrevistas) e bibliografia. A partir da experiência de pessoas que teriam vivenciado na família os malefícios do feitiço, buscou-se encontrar referências na historiografia para construir uma análise desse fenômeno que pode ser considerado um “de longa duração”, segundo a expressão do historiador Fernando Braudel. Tais narrativas estão presentes, sobretudo, na população afrodescendente, pois trata-se de uma interpretação advinda dos antepassados na condição de escravizados no processo da diáspora dos africanos no período moderno.

Palavras-chave: Feitiço; tradição oral; narrativas.

THE POWER OF THE SPELL: ORAL TRADITION, AFRO-MEMORIES AND HISTORIOGRAPHY

Abstract: the article investigated, the thematic about the representations about the spell through handwritten sources, oral testimonies [interview] and bibliography. From the experience of people who would have experienced in the family the evil effects of the spell, historiography was searched for references to construct an analysis of this phenomenon, which can be considered a “long-lasting phenomenon”, according to historian Fernando Braudel. These narratives are present, above all, in the Afro-descendant population, since it is an interpretation derived from the ancestors in the condition of enslaved in the process of the diaspora of the Africans in the modern period.

Key-words: Spell; oral tradition; narratives.

LA PUISSANCE DU CHARME: TRADITION ORALE, AFRO-SOUVENIRS ET HISTORIOGRAPHIE

Résumé: l'article a étudié, la thématique sur les représentations du sort à travers des sources manuscrites, des témoignages oraux [interview] et bibliographie. De l'expérience des personnes qui auraient expérimenté dans la famille les effets pervers du sortilège, l'historiographie a été recherchée pour construire une analyse de ce phénomène, qui peut être considéré comme un «phénomène durable», selon l'historien Fernando Braudel. Ces récits sont surtout présents dans la population afro-descendante, puisque c'est une interprétation dérivée des ancêtres dans la condition d'esclave dans le processus de la diaspora des Africains à l'époque moderne.

Mots-clés: Charme; tradition orale; récits.

¹ Professor associado da Universidade Federal de Pernambuco. Vinculado ao Centro De Estudos Africanos da Universidade do Porto (Portugal- 2002/2016) como investigador doutorado. Estágio pós-doutoral na Université Jean Jures - Mirail I [Toulouse- 2014-2015]. Vice-coord. do Instituto de Estudos da África na Universidade Federal de Pernambuco [2016-2017] Membro do Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas da Universidade Federal de Santa Catarina. *E-mail:* negrobento@bol.com.br



LA FUERZA DEL HECHIZO: TRADICIÓN ORAL, AFRO-MEMORIAS E HISTORIOGRAFÍA

Resumen: el artículo investigó, la temática sobre las representaciones acerca del hechizo a través de fuentes manuscritas, testimonios orales [entrevista] y bibliografía. A partir de la experiencia de personas que habrían vivido en la familia los maleficios del hechizo, se buscó en la historiografía referencias para construir un análisis de este fenómeno, que puede ser considerado un “fenómeno de larga duración”, según la expresión del historiador Fernando Braudel. Tales narrativas están presentes, sobre todo, en la población afrodescendiente, pues se trata de una interpretación proveniente de los antepasados en la condición de esclavizados en el proceso de la diáspora de los africanos en el período moderno.

Palabras-clave: Hechizo; tradición oral; narrativas.

O CENÁRIO: À GUIA DE INTRODUÇÃO

Janeiro de 2018. Retorno à cidade de Lavras, localizada ao sul de Minas Gerais, minha terra natal. Hora de reencontrar amigos de infância, irmãos, primos... enfim, tempo de lembrar.

No intervalo das visitas, um tempo para a leitura. Sempre carrego um ou dois livros a tiracolo. Aprendi que “quem lê viaja!” Dessa feita, estava na companhia de James H. Sweet (2007), na sua “recriação da África” (refiro-me à obra *Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português*). Foi justamente essa leitura, aliada ao ambiente onde passei a infância ouvindo casos de escravidão, feitiçaria, assombrações e outras narrativas; que me proporcionou o ato de escrever este artigo.

Cada vez que retorno à casa de meus pais, um lugar de memórias, sinto-me provocado a revisitar o passado, sobretudo após o falecimento de meus genitores. Os irmãos que residem na casa e os que moram nas adjacências ou em outras cidades temos o hábito de nos reunirmos uma vez por ano, por ocasião das festas de final e início de ano. Não por acaso, além do livro a tiracolo, carrego um microgravador para registrar o que não cabe na memória nestes tempos de amnésia provocada pelo excesso de informações midiáticas. Também porque, em minhas investigações, tenho privilegiado as fontes orais, principalmente visando recuperar Histórias do subterrâneo, ou, para usar a expressão consagrada pela historiografia inglesa (Escola Social Inglesa), mais precisamente cunhada por E. P. Thompson: “a História vista de baixo”.

A leitura, o lugar e as lembranças me proporcionaram a oportunidade de consultar alguns dos meus escritos² que se encontravam na estante da sala. Eu olhando-

² *Festa de preto em terra de branco: História oral, memória e identidade em Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 1994; *Caetanos &*



me através de minha escrita acadêmica, mas, nem por isso, sem minhas marcas, pois, quando escrevo, inscrevo-me e subscrevo-me.

Por fim, é preciso dizer que o artigo revela um pouco da História de minha família contada por meus pais em momentos diversos, pelos tios e tias e por pessoas que com eles conviveram. Narrativas que tivemos a oportunidade de ouvir e ficaram “nas paredes da memória”. Suas emergências são proporcionadas nos momentos de encontros e reencontros.

DE FEITIÇOS E FEITICEIROS: RECRIANDO A MEMÓRIA

Minhas lembranças sobre referências de feiticeros e seus feitiços vieram muito antes das leituras dos bancos escolares. Da época colegial, se minha memória não me estiver traindo, lembro-me de da ilustração de uma feiticeira em um livro do primeiro ou segundo ano primário. Na verdade, uma bruxa montada em uma vassoura, com capa preta e capucho. Nariz adunco com uma verruga na ponta, de cor branca ou quase branca. Um caldeirão onde produzia as poções mágicas de feitiços. Aprendi as primeiras letras numa dessas cartilhas. Depois veio a outra feiticeira ou bruxa de que tenho memória, aquela da história em quadrinhos: Madame Min e Maga Patológica, personagens de Walt Disney. Uma delas era um desastre com seus feitiços...

Olhando daqui, essas representações remetem às bruxas e feiticeiras ocidentais, construídas a partir do imaginário do medievo. Mas, bem antes delas, eu ouvia narrativas de feiticeros mais reais. E mais: via feitiços pelas encruzilhadas onde passávamos. Por exemplo, na frente da casa de meus pais, morava Sebastião Fogueteiro, o rei das congadas. Só bem mais tarde, que fiquei sabendo que o nome dele era Antônio Batista dos Santos. Conhecido também como Antônio porteiro, pois era quem zelava pela portaria da Libeck oficina, situada no pé do Morro de Nova Lavras, onde morávamos. Lembro-me vagamente da fisionomia dele. Lembro mais de sua esposa, a “dona” Sebastiana Fogueteira, e de alguns dos filhos, tais como Adão e Eva. Havia outros, a Lázara... um outro apelidado de Boi (cujo nome não me lembro)...

Pelo que me consta, os familiares do senhor Antônio eram todos conhecidos pela alcunha de Fogueteiros, pelo fato de o pai ter sido um renomado fogueteiro. O irmão de

Caetanos: tradição oral e história (em preto & branco). Itajaí, SC: Ed. do Autor, 2008; *Um filho de Lavras*: memórias, vivências e experiências – capitão Bento Rezende da Silva (1919-2007). Itajaí, SC: Casa Aberta, 2010c; e *Negros em Itajahy*: Da invisibilidade à visibilidade – mais de 150 anos de história. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2010a.



senhor Antônio, o Sebastião, não era feiticeiro. Era, inclusive, amigo de meu pai. Trabalhou em nossa casa. Era músico, tocava violino ou cavaquinho. Tinha um pequeno conjunto, que às vezes nos brindava com um pequeno sarau à luz da lua. Já o Antônio, este era inimigo “figadal” de meu pai; por extensão, de toda a família. Era conhecido no bairro e região como curador, benzedor... (sobre a arte de benzer na cultura afro-brasileira, ver: Cunha e Gonçalves, 2018) Meu pai dizia que ele não passava de um “charlatão”. Seja lá como for, ele era visitado por muitas pessoas. No mês de maio, tinha o evento do Dia Treze, “a libertação dos escravos”. Havia os congados e moçambiques. Em outubro, a Festa de Nossa Senhora do Rosário, a padroeira dos pretos. Em ambas as datas, o cortejo saía da casa dele e ia para a Capela Nossa Senhora de Fátima, ao som de foguetes, instrumentos de percussão e muitas danças pelas ruas (sobre essas manifestações culturais, ver: Brandão, 1985).

Embora tais festas consistam em um conjunto de manifestações da cultura e religiosidade afro-católica,³ meu pai não permitia que nós participássemos, por estar sob a liderança de um feiticeiro. Nossa família foi educada na tradição da ortodoxia católica apostólica romana. Se bem que, quando as relações familiares não estavam bem, quando as “coisas desandavam”,⁴ como se dizia, procurava-se um feiticeiro para tirar os possíveis feitiços que se acreditava que estivessem sobre nosso lar. Aliás, a leitura de James Sweet aponta que este é um fenômeno de longa duração no mundo afro-português (sobre o conceito de longa-duração, ver Braudel, 1989).

Portanto, minhas primeiras referências de feiticeiros e seus feitiços eram de origem africana, e, segundo as mesmas, eles eram possuidores de forças sobrenaturais, eram respeitados e temidos por onde passavam. Os que duvidavam de seus poderes sucumbiam sob eles, mais cedo ou mais tarde.

Em minhas pesquisas sobre a cultura afro-brasileira, tive oportunidade de ouvir sobre os poderes dos feiticeiros das congadas de Minas Gerais:

Na festa do Rosário lá de Minas Gerais, tem muito ponto de pai-velho, de pai-João, preto-velho. É! Tem que ter feitiçaria. Lá em Minas, todo mundo sabe que tem que ter feitiçaria. Às vezes, eles acham um ponto-de-alecrim amarrado numa palhinha, uma coisa. Ali é o capitão que tem que ir tirar aquilo para

³ Maria Isaura Pereira de Queiroz (1977), ao investigar esta forma de manifestação do catolicismo popular “rústico”, mostra que a partir do momento que a cultura urbana do tipo ocidental, formada na Europa, penetrou nessas religiões, a tendência desta cultura “rústica” foi a desagregação.

⁴ Sobretudo no aspecto amoroso: James Sweet (2007) investigou a relevância do feitiço no campo amoroso no Brasil colonial.



ninguém passar por cima. Sabe como é? [...] Eu mesmo vi as pessoas fazerem aqueles pontos, aqueles capitães levarem o pessoal para tomar um alecrim, uma bebida... Isso para fazer as coisas voltarem ao normal, para começar a dançar. Às vezes, acontecia que atrapalhavam, não se acertava mais nada, o capitão perdia a voz. Né?! O capitão, se ele for um capitão bom de tirar versos, aí o pessoal já vai mais acompanhar ele. Se o capitão começar a repetir muito os mesmos versos, o pessoal já não vai mais acompanhar ele. Já vai para aquele que é melhor. (Entrevista com Antônio Borges Nascimento. In: Silva, 1994, p. 89.).

Essa e outras narrativas foram revisitadas a partir da leitura de Sweet, que, como já foi dito, me remeteu à infância no Morro da Nova Lavras, ao personagem Antônio Fogueteiro e outros feiticeiros, tais como o primo de meu pai, o João Tunga. Certa vez, ao voltar a Lavras em férias, remexendo o passado, em busca de assunto, perguntei ao meu pai: “Dizem que João Tunga era metido a feiticeiro?” Ele, lançou-me um olhar profundo e respondeu com segurança: “Metido a feiticeiro não! Ele era feiticeiro dos bons.” Ainda hoje, ecoa em meus ouvidos: “Feiticeiro dos bons!”

Havia então bons e maus feiticeiros em África? Segundo Sweet, referindo-se à África Centro Ocidental:

[...] não havia um termo específico para distinguir os bons rituais dos rituais malévolos. A prática do mal era apenas um elemento do que devia ser entendido como um feixe de poderes religiosos ocultos [...]. Estes poderes podiam ser utilizados para uma série de fins positivos – adivinhar, curar, entre outros – que restauravam a harmonia e o equilíbrio de indivíduos e comunidades. No entanto, o poder de curar e inverter o mau-olhado também podia ser utilizado para provocar danos e fazer coisas maldosas [...]. Aqueles que estavam dotados de poderes religiosos podiam fazer o bem e o mal ao mesmo tempo. (Sweet, 2007 p. 191).

Houve uma época, eu deveria ter de cinco para seis anos de idade, que todos os dias, por volta das dezoito horas, ouvia-se jogar pedras no telhado de nossa casa, toque de campainhas, tropel de pessoas... eu mesmo cheguei a ouvir. O padre foi levado para benzer a casa. O barulho continuou. Fez orações do terço. Nada de o mal-assombro dissipar-se. Foi quando meu pai chamou o João Tunga. Ele dirigiu-se ao fundo do quintal e debaixo de um frondoso bambuzal fez uma oferenda. Só meu pai pôde presenciar. Dias depois, o “despacho”⁵ ainda estava lá. Passávamos longe, mas foi possível identificar velas pretas e vermelhas, entre outras coisas. Lá ficou, até que o

⁵ O despacho de macumba é a terminologia vulgarmente utilizada para identificar a oferenda feita ao espírito ou entidade para se obter o favor desejado.



tempo o dissipou. Depois disso, não se ouviu mais os tais ruídos. Meu pai disse-nos que havia sido feitiço de alguém, talvez do Antônio Fogueteiro. Segundo ele, por simples questão de inveja.

Esse conjunto de lembranças, constituintes de minha memória a partir da infância, submergiu a partir da leitura mencionada, na qual Sweet, a partir de pesquisa de fôlego, apresenta a presença da cultura centro-africana no Brasil do século XV ao XVIII. Presença esta que, mesmo sem saber, eu experimentei ao sul de Minas Gerais, a partir da segunda metade do século XX. Portanto, “um fenômeno de longa duração”, para usar uma expressão de Fernando Braudel (1989).

VÍTIMAS DA FORÇA DO FEITIÇO: NA LITERATURA E NAS NARRATIVAS

O Brasil foi um dos países que mais receberam africanos escravizados ao longo dos trezentos e cinquenta anos de escravidão. Dentre eles, foram trazidos muitos que eram conhecidos e reconhecidos como exímios feiticeiros:

[...] A Igreja Católica na África Central tinha uma política de condenar os suspeitos de “feitiçaria” à escravatura no Brasil. Os padres capuchinhos Cavazzi e Merolla descreveram situações em que condenaram adivinhos e curandeiros centro-africanos a trabalho escravo no Brasil. Além disso, os próprios africanos vendiam “feiticeiros” para o tráfico de escravos. Desta forma, um número desproporcional de adivinhos/curandeiros africanos era integrado na população escrava do Brasil, o que contribuía para exacerbar a sua influência junto dos escravos e diminuir o impacto dos cristãos africanos [...] (Sweet, 2007, p. 232-233).

Tais feiticeiros escravizados eram temidos e respeitados por brancos e negros. De certa forma, possuíam um “capital simbólico”, com todos os desdobramentos que isso lhes poderia causar. Sweet (2007) mostra-nos, entre outras coisas, que havia senhores que, temendo os feiticeiros entre os seus escravizados, procuravam “negociar” com eles, e não poucas vezes, ao identificá-los, vendiam-nos para outrem, quando não conseguiam uma negociação razoável. Uma coisa é certa, a literatura está repleta de casos em que os feiticeiros são os protagonistas (por exemplo, Couceiro, 2008). Na musicografia também encontramos referências aos feitiços e feiticeiros de “matriz africana”. Uma das letras de música popular brasileira que ganhou notoriedade na voz do sambista Zeca Pagodinho intitula-se: *Vou botar teu nome na macumba*. Ela nos dá uma noção da mentalidade da sociedade brasileira acerca do tema em questão:



Eu vou botar!
Eu vou botar
Teu nome na macumba
Vou procurar uma feiticeira
Fazer uma quizumba
Pra te derrubar
Oi, Iaiá!
Você me jogou um feitiço
Quase que eu morri
Só eu sei o que eu sofri
Deus me perdoe
Mas vou me vingar
Eu vou botar!
Eu vou botar
Teu nome na macumba
Vou procurar uma feiticeira
Fazer uma quizumba
Prá te derrubar
(Oi, Iaiá!)
Você me jogou um feitiço
Quase que eu morri
Só eu sei o que sofri
Que Deus me perdoe
Mas vou me vingar
Eu vou botar teu retrato
Num prato com pimenta
Quero ver se você guenta
A mandinga que eu vou te jogar
Eh!
Raspa de chifre de bode
Pedaco de rabo de jumenta
Tu vai botar fogo pela venta
Comigo não vai mais brincar
Eu vou botar!
Eu vou botar
Teu nome na macumba
Vou procurar uma feiticeira
Fazer uma quizumba
Prá te derrubar [...]
(Zeca Pagodinho, 2011).

Os periódicos, tanto do passado, quanto do presente, são fontes de denúncias de feitiçarias. Novamente revisito minhas pesquisas a partir da motivação do tema. Encontro a seguinte denúncia, num jornal do início do século XX, numa cidade do litoral de Santa Catarina. A denúncia revela a presença de descendentes de africanos num dos bairros mais populares da cidade portuária de Itajaí. O casal acusado de feitiçaria foi expulso imediatamente da localidade:



Feitiço e Feiticeiros

O sr. Antônio Silva Valle Lisboa, despachante da agência do Lloyd, desta cidade, queixou-se nesta redação de um fato criminoso, ocorrido na noite de 29 do mês findo e do qual foi protagonista um seu vizinho de nome Manoel Florentino, que, acompanhado da esposa e uma filha, invadiram sua propriedade, aproveitando-se da sua ausência para fazer feitiçaria na sua casa [...]. Ao chegar em casa, deparei pelos cantos com embrulhos de areia do cemitério e sal, espalhados pelo assoalho e por cima do telhado. Indo tirar água na fonte verifiquei que nesta havia sido jogado qualquer ingrediente nocivo à saúde, porque a água toda estava de um pardo amarelado e escuro[...] Levei [o caso à polícia] e o digno tenente Pompeu Dias, zeloso delegado, tomou imediatamente as providências, expulsando que ponha no jornal para que todos tomem sentido com semelhantes feiticeiros (apud Silva, 2010a, p. 30).

Eles, pelo que se depreende da nota, eram “descendentes dos filhos de Cam”. É importante dizer que a região recebeu, nos séculos XVIII e XIX, contingentes de africanos escravizados oriundos da África Centro-Occidental (Silva, 2015). Seus descendentes moravam, em sua maioria, até meados do século XX, numa localidade apelidada de “Beco do Quilombo” (Silva, 2008).

Memórias coletadas com antigos moradores do Beco do Quilombo revelaram a presença de mulheres com a potencialidade do ato de “fazer feitiços”, e por causa disso eram respeitadas e/ou temidas:

[...] Tinha a Maria Cartola que era espírita. Ela foi famosa no Beco do Quilombo. Foi tão famosa que muitas pessoas do nível alto da sociedade frequentavam a casa dela para trabalhos. Ela era ainda mulher nova, bonita!

Então naquela época, a espiritualidade dela era muito contestada, e por ser muito contestada, ela criava um certo clima de desagrado entre a vizinhança dali. Ela era criticada em toda a cidade. As mães da gente usavam uns termos: “Olha! Não namore a filha da Maria Cartola, porque ela é macumbeira!”

Outra coisa que marcava é que ela, a Maria Cartola, fazia a procissão dos mortos, no dia primeiro de novembro. Do final da rua até o começo. Todos vestidos de roupas brancas, uma vela na mão e desfilando... À noite, à meia-noite, saía a procissão dos mortos.

Fazia o ritual dela, da formação espírita dela. Era uma formação espírita totalmente da que existe hoje, tanto na umbanda como...[pausa] ela era umbandista, mas bem diferente[...] (Depoimento de Moacir da Costa. In: Silva, 2010a).



Não foi encontrado nenhum processo contra a família de “feiticeiros” acima mencionada. Parece-nos que escaparam ilesos. A mesma sorte não teve o escravizado José Cabinda. No alvorecer da República, no mesmo estado de Santa Catarina, foi acusado de curandeirismo, feitiçarias e crimes correlatos. Ele dizia ter nascido em Cabinda, na Costa da África. Com cem anos de idade, foi processado por curandeirismo e feitiçarias no ano de 1890. Era um agente do bem e do mal, ao menos nas representações que dele fizeram as testemunhas arroladas no processo. Na denúncia do promotor público, Henrique Carlos Boiteux, datada de 7 de novembro, na cidade de Tijucas, lia-se:

Há bastante tempo que o denunciado José Cabinda, inculcando-se – curandeiro – explora a credulidade dos incautos e ignorantes, fornecendo-lhes para diversos fins drogas e ingredientes por ele conhecidos e por ele preparados. Para esse fim fazia reuniões noturnas em seu casebre no qual foi encontrada e apreendida uma pequena caixa de madeira contendo várias raízes, cascas, caramujos e outros objetos que empregava em suas manipulações.

Pelo depoimento das testemunhas Manoel Joaquim Jacintho, Luiz Ramos de Oliveira e Thomaz Daniel da Boaventura, constantes do dito inquérito junto e ofícios de folhas 2 e 3 do subdelegado de polícia e inspetor do 10º. Quarteirão, evidencia-se que, diversas pessoas daquela localidade, entre elas Antônio dos Santos, Manoel João e diversos membros de famílias de Ramos, de Oliveira, sucumbiram vítimas da malvadeza do denunciado, o qual com as substâncias tóxicas de que faz uso, tem conseguido desfazer-se de pessoas que lhe são desafetas! (Arquivo do Fórum da Comarca de Tijucas, Sumário Crime 1890, Réu: José Cabinda, folhas: 02v).

No “arsenal” de mandingas apreendido com Cabinda, encontravam-se objetos semelhantes aos descritos por Sweet (2007), ao investigar processos diversos envolvendo africanos acusados de feitiçaria no Brasil colonial. Eram, na maioria, originários da África Centro-Occidental, ou seja, da mesma região de José Cabinda. A perícia realizada no bauzinho de Cabinda revelou o seguinte:

[...] que tendo examinado os ingredientes que se achavam dentro de uma caixinha que se achava aberta, constavam esses ingredientes de um caramujo hermeticamente fechado contendo dentro do mesmo, fragmentos de cascas de vegetais; encontraram mais um pedaço de lixa de cação; um breve cozido e que continha fragmentos de cascas de pau-para-tudo, um pedaço de uma vela de sebo; encontraram mais, um cálice quebrado e grande quantidade de raízes de vegetais que eles peritos desconhecem a ação [...]. (Arquivo do Fórum da Comarca de Tijucas, Sumário Crime 1890, Réu: José Cabinda, folhas: 23-23v).



Algumas testemunhas afirmaram que José Cabinda usava de seus poderes sobrenaturais para subjugar os seus inimigos, ou seja, suas mandingas tinham força de persuasão. Disseram mais: que havia pessoas que caminhavam dias até chegar à casa de Cabinda em busca de “trabalhos”. É importante notar que, tanto no caso de José Cabinda, quanto da “família de feiticeiros” da cidade de Itajaí, tratava-se do período republicano, onde a lei maior garantia a liberdade de expressão religiosa. Juridicamente os casos estavam amparados pelo Artigo 157 do Código Penal de 1890, mas as denúncias eram feitas a partir do medo das pretensas ações dos feiticeiros, que podiam ser feitas através de objetos contendo os malefícios, como no caso da família acima citada, ou através de palavras proferidas, como foi o caso de Cabinda. Segundo Manoel Jacintho:

[...] em uma ocasião, há isto um ano mais ou menos, o réu presente procurara a ele testemunha para ir buscar (Folhas 29) um pouco de madeiras que havia cortado no mato do falecido Manoel João, ao que ele respondeu que sim, porém passados alguns dias, ele réu lhe disse que o dito Manoel João lhe havia negado a dita madeira, mas que ele lhe havia de pagar; tendo poucos dias depois falecido o dito Manoel João [...]. (Arquivo do Fórum da Comarca de Tijucas, Sumário Crime 1890, Réu: José Cabinda, folhas: 28-29).

Na sequência do depoimento, Jacintho acrescentou mais acerca da morte súbita de Manoel João: “que Manoel João queixava-se de dores de estômago e que falecera antes de um mês depois da questão dos caibros ou madeiras”. Citou ainda outra família da qual haviam morrido um membro após outro em virtude das feitiçarias de Cabinda (Arquivo do Fórum da Comarca de Tijucas, Sumário Crime 1890, Réu: José Cabinda, folhas: 28-29). Concluiu que foi necessário recorrer-se a um outro curandeiro de carreira, Francisco Rodrigues do Nascimento, de cor preta, para “estancar a sangria” que assolara a família Ramos.

3.1. O caso de Pedro dos Anjos e outros

Na colônia, como apontam as pesquisas em História, uma das fontes privilegiadas para desvendar os casos de feiticeiros e feitiçarias são os processos-crimes, sobretudo os arquivados na Torre do Tombo (Mott, 1988). Mas, ao longo da História do Brasil, processos como o de Cabinda e as tradições orais revelam a longa duração dessas práticas, da Colônia aos dias atuais. Como já dito, a leitura de Sweet (2007)



ajudou-nos a revisitar algumas pesquisas realizadas e narrativas ouvidas em diversos momentos; mesmo quando não tínhamos pretensões acadêmicas. Afinal, como já ficou evidente nas linhas anteriores, minha experiência vivida desde a infância “esbarrou” com tais evidências, ainda que não tivéssemos a dimensão das mesmas no conjunto da cultura religiosa afro-brasileira.

O caso de Pedro dos Anjos, que ouvi por mais de uma vez contado por Maria Catarina, é emblemático. Mas quem afinal é Maria Catarina? Atualmente está com 85 anos de idade (completados em 30 de abril de 2018). Estive com ela em janeiro de 2018, na cidade mineira de São João Del Rei. Ano passado, estive pela mesma época, mas na ocasião, não estava lendo Sweet, talvez por isso a narrativa não tenha calado profundamente em mim como da última vez.

Ela ficou órfã de mãe aos dois anos de idade, por volta do ano de 1935. Foi criada com a tia, Maria Madalena de Jesus, e com a prima, Rosa Madalena de Jesus, que a batizara, portanto, como diz ela, sua “dindinha”. Na época do batismo de Maria Catarina, Rosa Madalena de Jesus tinha por volta de dez anos de idade. Foram criadas como irmãs. Rosa era filha única de Maria Madalena de Jesus e Pedro dos Anjos. Netas maternas de José Cândido da Silva, que segundo ela, morreu com mais de 111 anos de idade, na localidade do Rio das Mortes, na cidade de São João Del Rei. Após a morte do avô, suas tias, Geralda e Zica (que tive oportunidade de conhecer na infância), foram morar com minha avó, Maria Madalena de Jesus. Portanto, Maria Catarina, prima de minha mãe, Rosa Madalena de Jesus (depois de casada, Rosa Madalena da Silva), é minha prima segunda e tia, visto que foi criada pela minha avó e pela minha mãe.

Nesta visita de janeiro de 2018, fiz questão de voltar ao assunto outras vezes mencionado, para testar sua memória. Embora ela dissesse que estava “ruim de memória”, narrou tal qual no ano anterior o ocorrido com o pai adotivo e tio, Pedro dos Anjos. Uma narrativa onde está presente a prática de feitiçaria, razão pela qual a incluo neste artigo.

Maria Catarina da Silva, foi criada pela tia e pelo tio Pedro dos Anjos, em companhia da prima Rosa, conforme as circunstâncias acima descritas. Pedro dos Anjos era carroceiro de uma venda (hoje diríamos mercearia). Entregava os pedidos, os pagamentos, anotava os devedores... enfim, era um funcionário de confiança. Razão pela qual era invejado por um dos seus amigos, o Chico Rosa.



Segundo Catarina, Chico Rosa ia sempre na venda puxar conversas com Pedro dos Anjos na hora do trabalho. Certo dia, Pedro lhe advertira: “Meu patrão não gosta de conversa na hora do trabalho. Por favor, não venha mais aqui na hora do trabalho, senão você vai me prejudicar”. Chico não mais voltou, mas parece não ter gostado da “desfeita” do amigo...

Certo dia, foram acompanhar um enterro. Chico comprou um copo virgem. Colocou no bolso. Acompanhou o cortejo. No cemitério, fez “uma encomendação às almas”. Colocou o copo novamente no bolso sem que ninguém visse. Na volta, entraram num botequim pra tomar uma cachaça. Chico pediu uma. O dono do botequim colocou-a no copo da casa. Tomou um trago. Pediu outra para o amigo. Mas, sem que o amigo percebesse, colocou a cachaça no “copo batizado”, ou seja no copo virgem que havia sido recomendado às almas. Segundo a narrativa, depois daquele dia, Pedro dos Anjos nunca mais conseguiu erguer-se: não tinha mais vontade de trabalhar. Saía de casa para trabalhar, mas ia para o botequim beber cachaça. Moral da história: foi demitido. Em seu lugar, o ex-patrão contratou Chico Rosa...

Ouvindo a narrativa, veio a pergunta: “Mas como ficaram sabendo que foi feitiço, ou ‘encomendação’ de Chico Rosa?” Segundo tia Catarina, o pai adotivo foi acometido de uma espécie de loucura por causa do alcoolismo. Ela mesma o presenciara no quintal, sozinho, repetindo: “Chico Rosa! Tira o que você colocou em mim! Chico Rosa, eu preciso trabalhar”.

Perguntado se dona Maria Madalena de Jesus, esposa de Pedro dos Anjos, não foi atrás de outro feiticeiro para desfazer o mal feito, ela respondeu: “Tia Madalena andou, andou, andou muito, mas ninguém deu conta!” Diziam que foi um amigo que recomendou para as almas. Que não tinha jeito.

Pedro dos Anjos morreu vítima de alcoolismo com aproximadamente 40 anos de idade. Mas, segundo a narrativa, foi devido à inveja de Chico Rosa. Inveja “metamorfoseada” em feitiço. Na casa de meus pais, ainda tem um quadro na sala com o retrato de Pedro dos Anjos. Minha mãe pouco falava da morte dele. Só que morreu de alcoolismo, que o álcool destrói famílias... sobretudo quando algum dos filhos excedia na “dose”. Meu pai corroborava: “Tem a quem puxar!”

As forças atribuídas aos feitiços tanto em tempos passados quanto nos atuais estão de certa forma relacionadas com uma cultura de origem africana. No caso de Cabinda, vimos que foi preciso procurar um outro sujeito de cor preta para salvar as



peessoas atingidas pelos malefícios produzidos pelos poderes de Cabinda. Já no caso do marido de dona Maria Madalena de Jesus, por mais que ela andasse, não conseguira um antídoto para curar o feitiço da inveja do que se dizia amigo de Pedro dos Anjos. Que poderes tinha esse feitiço? Pela narrativa, estava relacionado com a alma dos mortos, posto que fora tecido no contexto de um cortejo fúnebre e no cemitério. Teria sido o morto um feiticeiro? Não podemos mais do que conjecturar, pois as narrativas não nos permitem mais do que isso. Mas uma coisa é certa: na cosmologia de muitos africanos trazidos para o Brasil na condição de escravizados, os mundos dos mortos e dos vivos se entrecruzavam. Nesse sentido, invocar a alma de um antepassado poderia ser um caminho para resolver um problema no mundo dos vivos.

Perguntamos sobre o comportamento de Pedro dos Anjos antes de ser acometido pelo feitiço. Era, segundo a entrevistada, uma pessoa boa, depois da bebida encomendada é que caiu na desgraça da embriaguez. “Ele foi preso no copo virgem”.

Interrogamos sobre o fim de Chico Rosa: “Ele morreu de morte matada, levou três tiros numa desavença havida com outra pessoa”. Morreu depois de Pedro dos Anjos. Parece-nos que não usufruiu muito do emprego que havia surrupiado do amigo Pedro dos Anjos através do artefato do feitiço. Mas isso não tira a dimensão atribuída à força do feitiço e dos feiticeiros no Brasil, desde o período colonial presente na mentalidade coletiva de segmentos da população brasileira.

3.2. Uma força estranha: narrativas de uma ialorixá

As pessoas denominadas feiticeiras ou acusadas de feitiçaria, segundo a literatura, não sabem de onde lhes vêm essa “força estranha”. Há os que dizem tratar-se de um dom sobrenatural. Maria Luiza Moreira, numa conversa acerca sobre esse e outros temas, contou-nos ter conhecido pessoas que tinham tais dons (entrevista realizada na cidade de Balneário Camboriú, Santa Catarina, em 05/05/2006). Na verdade, ela própria é portadora desse potencial, pois é uma sacerdotisa da religiosidade de matriz africana. Alguns a têm por umbandeira, feiticeira, macumbeira, etc.

Dona Luiza estava com quase 100 anos de idade, ainda que o registro de nascimento apontasse menos, pois, segundo ela, fora registrada já moça, com quatorze ou quinze anos de idade. A memória que devolveu a lembrança de uma negra que estaria na categoria de feiticeira. Vejamos:



[...] Chamavam de negra do diabo [...] Ah, eu não sei, era uma negra feia, era assim uma negra perigosa, entendesse? Era muito perigosa. Diz que ela dava, eu nunca vi, mas, dizem que ela assobiava e as cobras vinham tudo perto dela [...]. Só sei essa, mas o nome dela era Margarida. Agora não sei se é essa, a mesma que vocês estão dizendo. Só sei dessa. Essa eu conheci, conheci, porque eu ia com as minhas tias, eu saía muito com elas, elas que me levavam, aí, eu conheci essa aí [...] (Entrevista com Maria Luiza Moreira, 90 anos de idade. Realizada na cidade de Balneário Camboriú, em 05/05/2006).

A narrativa de Dona Luiza nos remete a outras existentes. Henry Koster, em suas viagens pelo Nordeste do Brasil, no período colonial, disse ter ouvido de negros velhos, histórias semelhantes. Vejamos um dos registros de Koster (2003, p. 327-328):

[...] Havia um velho crioulo-negro, residindo nas vizinhanças do Jaguaribe, cuja disposição o levava todos os bosques da redondeza, em muitas milhas de extensão. Preferia esse meio de obter a subsistência ao labor diário que lhe seria duro. [...] Esse homem vinha ao Jaguaribe, e nessas ocasiões o mandava chamar para casa a fim de contar-me as histórias, que ouvia fumando, sentado na minha rede. Gostava das histórias de fantasmas e de mandingueiros (feiticeiros). Entre os sucessos desses últimos, havia a propriedade de manejar as cobras sem perigo de seu veneno, podendo, segundo seu depoimento e de várias outras pessoas, fazer todos os répteis deixar suas locas e reunir-se-lhes ao redor, graças ao emprego de cantos e gritos próprios [...].

Dona Luiza, como já foi dito acima, é uma sacerdotisa da religião de matriz africana. Como acontece com outras sacerdotisas e sacerdotes, não poucas vezes é temida mais do que respeitada. Assim como Margarida era tida como negra do diabo, é certo que havia quem assim pensasse acerca de seus poderes. Poderes que remetem à sua infância. A primeira manifestação aconteceu dentro de Igreja Católica, ao receber a primeira eucaristia:

[...] A primeira casa que eu conheci em Itajaí, espiritualmente, que me levavam porque me dava ataque, me levaram porque uma semana me deu ataque, quem me curou foi o meu segundo padrinho espiritual, foi o falecido Liberato. Ali, no falecido Liberato, eu fiquei um ano [...] porque quando eu recebi a Preta Velha, eu recebi na igreja, entendesse? No dia que eu fiz a primeira Comunhão, eu a recebi, essa Preta Velha na igreja, e essa Preta Velha é África também, ela veio da África também.

Não, eu não senti, para mim eu não saí, porque se veio eu não posso saber como, é a mesma coisa a incorporação. Você incorpora você está ali, o mentor chega você não está sabendo como é que chegou, como é que não chegou. Entendeu? Então, eu não sei, eu só sei que quando [...] vi, ele disse que eu fiquei uma velhinha encrocada [encurvada], que eu fui me tremendo toda, me



tremendo toda e fiquei uma velhinha, aí, o padre passou a mão aqui, assim, no meu braço aqui e a freira aqui, me levaram para sacristia e chamaram meus tios e meus padrinhos que estavam na igreja, disseram que não era para tirar o que eu tinha que era para deixar o que eu estava... Que se o pessoal chegasse lá para me botar a mão em cima, que deixasse que não era para tirar [...]. (Entrevista com Maria Luiza Moreira, 90 anos de idade. Realizada na cidade de Balneário Camboriú, em 05/05/2006).

O fato de a força do sobrenatural ter se manifestado em Dona Luiza no espaço sagrado do catolicismo não nos surpreende, pois ouvi de outros narradores que as práticas religiosas de matriz africana e católicas eram, por vezes, como “irmãs siamesas”, sobretudo no âmbito da festa da padroeira dos negros escravizados e seus descendentes: “Nas lendas lá, também pede que a festa – meu pai contava, os mais velhos contavam – [acrescenta], que a Senhora do Rosário pediu a festa dela com toda a macumba e feitiçaria! É! Os mais antigos contavam” (Entrevista com Antônio Borges Nascimento. In: Silva, 1994, p. 58).

Dona Luiza contou-me que ela assumiu a mediunidade só depois de casada, que a princípio não queria assumir. Disse ainda, que na infância, no interior, não tinham brinquedos, então ela e outras crianças brincavam de “fazer gira” (na umbanda, significa incorporar uma entidade, entrar em transe ritual), ou seja, brincavam de macumba. Não há, segundo se depreende de sua narrativa, uma explicação para essa força:

[...] É assim: todo mundo vinha lá na minha casa, na casa do meu vovô, para mim botar a mão em cima das ferida, para curar as ferida, para cura a dor, entendesse? Aí fui, fui indo, fui indo na mão. Aí só depois que eu casei, aí, é que eu fui para Umbanda. Aí, meu marido me levou para o Rio de Janeiro. Primeiro centro que eu fui foi no Rio de Janeiro, lá é que eu conheci o que era centro, mas agora sei, não era centro, era uma roça, como diz o Pai de Santo, era uma roça. Aí eu fui, quando eu entrei, eu pedi para ele pelo amor de Deus para sair de lá de dentro, que eu não queria ficar lá dentro, que lá não era o meu lugar, aí ele disse assim: “Você vai ficar”. Aí, lá na frente do altar, mas uma coisa enorme, lá na frente tinha um homem com um turbante verde na cabeça sentado com a perna encruzada assim [mostra como o homem estava sentado]. Ele queria que eu fosse até lá, e eu, com o dedo, disse que não, e ele queria por toda lei que fosse até lá, e eu disse que não, que não, que não, que eu não ia, aí eu não fui. Aí veio uma flecha, eu não sei da onde, quando eu vi aquela flecha caiu perto do meu pé, e ficou enterrado no, não sei se era chão, eu não sei o que era, de tão nervosa que eu estava lá dentro, aí eu não sei, o negócio me pegou[...]. (Entrevista com Maria Luiza Moreira, 90 anos de idade. Realizada na cidade de Balneário Camboriú, em 05/05/2006).

A ialorixá narrou casos de desavença com outra senhora possuidora de poderes sobrenaturais. Desavença, segundo ela, devido à inveja. Há uma expressão que



caracteriza tais desavenças no universo “dos feiticeiros”: tocar demanda. Pois bem, entre Luiza e Gervásia, houve também momentos de demandas, como houve momentos de solidariedade, de união. Afinal, o principal inimigo era, e ainda é, a *perseguição*:

[...] Ah! Muitos centros foram perseguidos, mas eu graças a Deus nunca fui perseguida. Nunca. A única coisa, para não dizer que nunca fui perseguida, foi uma vez só. Yomar, ela não tinha centro, aí ela ia fazer as giras, visitar os terreiros, eu, estava morando aqui no Balneário, aí, a polícia chegou, mas, não por causa de mim, chegou por causa dela, que eles nunca, nunca, chegou e disse para fechar, não. E onde eu morava aqui em Camboriú, nunca a polícia chegou para me prejudicar, nunca! Graças a Deus! [...] Só que a polícia batia e aqui dentro de Camboriú, só quem comandava mais eram, eu e a Gervásia, por isso que a gente não se gosta muito hoje em dia, porque ela tinha inveja, porque lá na minha casa não acontecia nada e na casa dela acontecia, lá, a polícia batia [...] Eu participei de muitas festas dela. Uma vez nós demos uma festa para Cosme e Damião, fizemos ali, lá no lado de lá do posto de gasolina, naquelas redondezas ali, fizemos uma festa muito bonita ali. Lembro-me direitinho de ir lá combinar com ela, eu e a tia Rosa, demos uma festa, mas, no fim, ela brigou com nós, brigou comigo, brigou com a tia Rosa [...]. (Entrevista com Maria Luiza Moreira, 90 anos de idade. Realizada na cidade de Balneário Camboriú, em 05/05/2006).

Dona Maria Luiza tinha de fato um bom relacionamento com as autoridades locais, regionais e até em nível estadual. Sua tia trabalhou como doméstica na casa de alguns “maiorais”, conforme dissera, entre eles, Antônio Carlos Konder Reis, ex-governador do estado. Talvez tenha sido esta uma das razões pelas quais sua casa de culto não tenha sido “visitada” pelos órgãos de repressão. Pode-se dizer que ela tinha o “corpo fechado”, um quesito indispensável para uma boa feiticeira. No caso da ialorixá Luiza, aquela força “estranha” que lhe acompanha desde a infância e que se manifestou na primeira eucaristia para inveja de quem quer que fosse.

A EFICÁCIA DOS FEITIÇOS: UMA PERGUNTA “FORA DE LUGAR”: À GUIA DE CONCLUSÃO

Nosso objetivo neste artigo não foi provar a eficácia ou não dos feitiços, mas tão somente mostrar como eles estiveram e estão presentes na mentalidade de segmentos da população brasileira graças à relação com o passado escravista. De certa forma, a força do feitiço está relacionada com a “força da escravidão” dos africanos no Brasil Colônia e Império. Como evidenciado por Sweet (2007), o grande contingente de feiticeiros e

curandeiros enviados para o Brasil e a feitiçaria tomada como uma tática contra a escravização exacerbaram a cultura e a mentalidade dessas práticas:

[...] Os feiticheiros africanos estavam presentes em grande número no Brasil e eram capazes de usar os seus poderes religiosos para prejudicar fisicamente os seus senhores e ameaçar a fé católica.

Desta forma, o campo de batalha religioso estava definido: “feiticheiro” contra “feiticheiro”. Os africanos que entendiam a escravatura como o resultado da malevolência religiosa dos portugueses, contra-atacavam com os antídotos religiosos mais poderosos que conheciam – os quais eram vistos pelos portugueses como “feitiçarias”. Numa tentativa de combater as diversas torturas da escravatura – maus-tratos, má nutrição, doenças, instabilidade familiar, entre outras – os escravos africanos [e os africanos libertos] desencadearam um ataque religioso coeso contra os feiticheiros brancos que lhes causavam todos estes infortúnios [...]. (Sweet, 2007, 194-195).

Não por acaso, as narrativas calcadas nas tradições orais de norte a sul do país, sobressaíram-se nas regiões onde a escravidão africana foi mais intensa, como frisou o senhor Antônio Borges Nascimento, ao lembrar da presença de feiticheiros nas Congadas de Minas Gerais, onde ele presenciara fatos inusitados. Não por acaso, surgiu em Minas a nossa motivação para revisitar o tema, mediado por uma historiografia do Brasil colonial, onde a então província, tal como a de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, subsidiara a escrita do historiador James H. Sweet, dadas as riquezas de fontes disponíveis nos arquivos do Brasil e de além-mar, no caso específico, nos arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa, entre outros.

REFERÊNCIAS

Fontes:

1. Primárias (manuscritas)

Arquivo do Fórum da Comarca de Tijuca. *Sumário Crime 1890 (Réu: José Cabinda)*.

2. Oraís

Entrevista com Maria Luíza Moreira, 90 anos de idade. Realizada na cidade de Balneário Camboriú, em 05/05/2006, por José Bento Rosa da Silva e Daniel Galm.

Bibliografia e demais modalidades

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Festa Do Santo de Preto*. Goiânia: Ed. UFG, 1985.

BRAUDEL, Fernando. *Uma Lição de História de Fernando Braudel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

COUCEIRO, Luiz Alberto Alves. *Magia e Feitiçaria no Império do Brasil: o poder da crença no Sudeste e em Salvador*. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CUNHA, Celina Gontijo e GONÇALVES, Clézio Roberto. *A tradição oral das práticas de benzeção*. In. *Revista da ABPN. Vol.10. Ed. Especial-Caderno temático :Letramento de Reexistência. Janeiro de 2018, p.30-42*

MOTT, Luiz. *Escravidão, homossexualidade e demonologia*. São Paulo: Ícone, 1988.

KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. São Paulo: ABC, 2003. v. II.

PIRGANELI, José Henrique. *Códigos Penais do Brasil: Evolução histórica*. Brasília, DF: Editora Revista dos Tribunais, 2001.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *A dança de São Gonçalo, fator de homogeneização social numa comunidade do interior da Bahia*. In: SCHADEN, Egon. *Homem, cultura e sociedade no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977.

SILVA, José Bento Rosa da. *Cenas da escravidão e pós-abolição no Brasil Meridional (Santa Catarina:1791-1891)*. Itajaí: Casa Aberta, 2015.

_____. *Nacionalidade e etnicidade no litoral do Atlântico Sul, Foz do Itajaí, SC [1906]*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2010a.

_____. *Negros em Itajahy: Da invisibilidade à visibilidade – mais de 150 anos de história*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2010b.

_____. *Um filho de Lavras: memórias, vivências e experiências – Capitão Bento Rezende da Silva (1919- 2007)*. Itajaí, SC: Casa Aberta, 2010c.

_____. *Caetanos & Caetanos: tradição oral e história (em preto & branco)*. Itajaí, SC: Ed. do Autor, 2008.

_____. *Festa de preto em terra de branco: História oral, memória e identidade em Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

SWEET, James H. *Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441-1770)*. Lisboa: Ed. 70, 2007.

PAGODINHO, Zeca. *Canção: Vou Botar Teu Nome Na Macumba*. Álbum: *Ao Vivo com os Amigos*. Gravadora: Universal Music Ltda. Lançamento: 2011.

*Recebido em junho de 2018
Aprovado em setembro de 2018*